

“Meus caríssimos irmãos,

Por que atiraram esse osso de contenda. Por que imprimiram esse sermão contra a predestinação?

Vocês não acham, meus prezados irmãos, que eu devo estar preocupado com a verdade ou o que eu penso ser a verdade tanto quanto vocês? Deus é o meu juiz; eu sempre estive, e espero sempre estar desejoso de que vocês tenham a preferência antes de mim. Mas eu devo pregar o evangelho de Cristo, e agora eu não posso fazer isso sem falar sobre a eleição...

Oh, meus irmãos, meu coração quase sangra dentro de mim! Creio que eu preferiria ficar aqui, sobre as águas, para sempre, a vir para a Inglaterra para opor-me a vocês.”

Whitefield a João e a Charles Wesley,
de bordo do navio quando este se aproximava da Inglaterra,
março de 1741

A Hora Mais Tenebrosa de Whitefield

Arnold A. Dallimore

Já vimos que as divergências doutrinárias já existiam entre Wesley e Whitefield. Quando Whitefield voltou para a Inglaterra, essas divergências produziram separação entre eles. A real verdade desta questão é grandemente desconhecida, pois, embora tenham sido publicados freqüentes relatos disso, quase todos são tão fortemente parciais em favor de Wesley que, tanto os seus atos como os de Whitefield, são representados com muita falsidade.

Por conseguinte, embora o escritor e o leitor possam achar desagradável o assunto, se não queremos que a falsidade continue a anuviar uma parte sumamente nobre da vida de Whitefield, não temos escolha senão examinar bem este assunto. Fazemo-lo relutantemente, porém só anotando os fatos principais.

Uma das primeiras atividades de Whitefield depois de chegar a Londres foi encontrar-se com seu velho amigo, Charles Wesley. João estava fora da capital nessa ocasião. As divergências doutrinárias foram discutidas e a probabilidade de cisma foi reconhecida. Whitefield registrou: “Teria amolecido qualquer coração ouvir-nos, a mim e ao Sr. Charles Wesley chorar, depois de orarmos no sentido de que, se possível, o cisma fosse impedido”.¹ Todavia, Charles se

¹ Gillies, *Whitefield*, op. cit., p. 69.

pôs tão fortemente contra a doutrina da eleição quanto Whitefield lhe era favorável, e tão rijo em favor da perfeição impecável quanto Whitefield se lhe opunha. Em seguida ao encontro ele se recusou a ter qualquer cooperação mais com Whitefield, e, por conseguinte eles se separaram. Mas, dez anos mais tarde, as convicções doutrinárias de Charles sofreram alguma mudança, e ele chegou a uma certa medida de acordo com Whitefield. De novo gozaram rica amizade, e esta feliz relação continuou até quando Whitefield foi removido dele pela morte.

No primeiro domingo de Whitefield em Londres uma explosão de entusiasmo levou milhares para ouvi-lo, tanto em Moorfields como em Kennington Common. Mas o entusiasmo logo se desvaneceu, e nos dias de semana suas congregações contavam meramente duzentas ou trezentas pessoas. Além disso, ele viu muitos dos seus antigos ouvintes taparem os ouvidos com as mãos e vários deles o informaram de que isso tinha sido instruído por (João) Wesley, para impedi-los de ouvir doutrina herética.

A perda da multidão de ouvintes não só mutilou o seu ministério mas também o privou da oportunidade de coletar recursos para os órfãos da América. Ele esperava, ademais, que uma soma de dinheiro estaria esperando por ele, pela venda dos volumes dos seus sermões, porém ele viu que James Hutton, seu editor, se tornara moraviano e se recusou a vender qualquer literatura que não concordasse com os ensinamentos moravianos.

Uma tristeza particular surgiu do fato de que William Seward tinha morrido. Alguns meses antes, acompanhando Howell Harris numa reunião ao ar livre em Gales, Seward tinha sofrido graves ferimentos às mãos do populacho. Logo saiu para outra reunião e quando começaram a atirar pedras, ele gritou: “É melhor sofrer isto do que padecer no inferno!” Contudo, poucos dias depois sua condição deteriorou-se e Deus o levou para o seu lar no céu. De há muito se comenta que ele foi “o primeiro mártir metodista”.

Recentemente Seward havia assumido outro débito de 350 libras em nome do orfanato, e não somente Whitefield era responsável por cobri-lo, mas também foi ameaçado de aprisionamento se não o fizesse. Seus credores sadicamente se aproveitaram da sua oportunidade, e ele estava em constante perigo de ser preso, até que, de maneira miraculosa, o dinheiro foi colocado à sua disposição. Além disso, embora Seward se tivesse feito co-responsável pela manutenção de Betesda, morreu sem ter feito testamento, e toda a responsabilidade caiu sobre os ombros de Whitefield.

A maior tristeza de Whitefield vinha, porém, da oposição sofrida de João e Charles Wesley. Ele escreveu:

...Muitíssimos dos meus filhos espirituais que, por ocasião da minha última saída da Inglaterra teriam arrancado os próprios olhos para dá-los a mim, estão de tal forma prejudicados preconceituosamente pela ação dos queridos Srs. Wesley, os quais revestiram a doutrina da eleição de tão horríveis cores, que não querem nem me ouvir, nem me ver nem me dar qualquer assistência: sim, alguns deles me enviam cartas ameaçadoras no sentido de que Deus me destrua rapidamente.²

No entanto, ele falava de “...meus velhos e caríssimos amigos, Srs. João e Charles Wesley, a quem eu amo como à minha própria alma”.

Não obstante, Whitefield não ficou sem ajuda. Um grupo de dissidentes começou a construir um galpão de madeira em Moorfields que abrigaria seus ouvintes da chuva e do frio. Desde que a sua localização não ficava longe da Fundação de Wesley, a princípio Whitefield se recusou a usá-lo. Mas, tendo sido levado a lembrar-se de que ele fora o primeiro pregar em Moorfields, mudou de opinião e passou a usá-lo. Ele o considerava uma estrutura meramente temporária, e lhe deu o nome de “O Tabernáculo”.

Outros amigos tinham começado a publicar um semanário que divulgava notícias do seu ministério e de outros de pensamento calvinista dos dois lados do Atlântico. Ele chamou-lhe *The Weekly History* (História Semanal).

Whitefield encarou também a questão sobre se deveria publicar em inglês sua réplica ao sermão de Wesley, *Free Grace* (Livre Graça), ou, como Wesley o denominou, “contra a predestinação”. Durante dezenove meses Wesley fizera circular este sermão, e tanto ele como Charles se tinham oposto às crenças de Whitefield no ministério que eles exerciam diariamente. Uma vez que numerosas pessoas tinham aceitado os ensinamentos deles, Whitefield decidiu que não tinha escolha senão imprimir sua réplica.

Ele começou declarando sua relutância em publicar qualquer crítica a Wesley.

...Jonas não pode ter ido com maior relutância contra Nínive do que eu agora pego da pena para escrever contra você. Fosse a natureza que falasse, eu preferiria morrer a fazê-lo; e, todavia, se hei de ser fiel a Deus, e ao bem da minha própria alma e ao de outra não devo continuar neutro... Numerosas pessoas nas quais a Deus aprovou operar por meio do meu ministério foram levadas a extraviar-se, e um maior número continua clamando a mim que mostre também a minha opinião. Devo então mostrar que não conheço homem algum segundo a carne, e que não tenho respeito algum por pessoas

² *Whitefield: Vida e Tempos*, Vol. 2., p. 46.

em nada que não seja coerente com o dever que tenho para com meu Senhor e Mestre, Jesus Cristo.³

Nessa réplica Whitefield formula os seus argumentos claramente, e com firmeza declara suas convicções doutrinárias. Mas a sua atitude para com Wesley é caracterizada pelo respeito que vimos em suas cartas, e para ele Wesley é sempre “meu honrado amigo” e “honrado Senhor”. Há franqueza nas declarações, entretanto nunca uma palavra dura.

Há, porém, um ponto da réplica de Whitefield que precisa receber a nossa atenção. Wesley, ao publicar o seu sermão, tinha inserido uma breve introdução declarando que tinha sido movido a pregar o sermão “...pela mais forte convicção, não só de que o que aqui é apresentado é “a verdade como está em Jesus”, mas também de que tinha sido “indispensavelmente obrigado”, nessa questão, que tinha recebido especial comissão da parte de Deus, e que, portanto, a doutrina que ele declarava só podia ser de fato verdadeira. A breve introdução foi tão valiosa na imposição do ensino de Wesley como qualquer dos seus argumentos.

Todavia, a “comissão especial” ou “obrigação indispensável” não foi nada mais que o ato de lançar sortes. Antes de pregar o sermão, ele tinha redigido dois ou três possíveis cursos de ação, cada um num pedaço de papel separado. Ao acaso pegara um deles e lera “pregue e imprima”. Essa foi sua autorização para lançar essa questão separatista no meio de um movimento de avivamento.

Conseqüentemente, em sua réplica, Whitefield assinala que a “obrigação indispensável”, de Wesley, era apenas uma sorte que ele tinha lançado. Declarar que Wesley tinha agido por meio de sorte lançada era essencial, a fim de eliminar uma falsa impressão. E mais, Whitefield declarou que numa ocasião anterior Wesley tinha cometido um erro por lançar sortes, dando a entender que Wesley devia ter sido mais cuidadoso no uso dessa prática.

Além disso, Wesley tinha tomado posse da Nova Sala de Bristol e da Escola de Kingswood – edifícios para os quais Whitefield e Seward tinham levantado virtualmente todo dinheiro. Whitefield escreveu-lhe sobre essa questão, e Wesley replicou numa carta longa e dura. Ele adotou a atitude segundo a qual ele não tinha feito nada para provocar discórdia, e que Whitefield era o responsável. Essa atitude totalmente falsa Wesley manteve durante toda a sua vida.

³ *A Letter to the Rev. John Wesley in Answer to His Sermon Entitled “Free Grace”. Whitefield: Life and Times* (Carta ao Rev. John Wesley em Resposta a Seu Sermão Intitulado “Livre Graça”. Whitefield: Vida e Tempos), Vol. 2, p. 552.

Durante estes dias, porém, Whitefield estava reconquistando gradativamente as suas congregações. Dessa forma Wesley percebeu que estava perdendo muito do fruto dos seus dezenove meses de oposição, e a perda o irritou. Ele fez acusações distorcidas e inverídicas, dizendo que Whitefield recusou-se a dar-lhe a mão de companheirismo, que ameaçou pregar contra ele por toda parte. Devemos concluir que a frustração de Wesley foi a causa dessas declarações.

Alguns dos que davam suporte a Whitefield estavam indignados pelo fato dele ter sido tão perdoador quanto a Wesley e por não ter reivindicado participação na Nova Sala na Escola de Kingswood. Mas Whitefield replicou:

Meu coração não me reprova por minha bondade e amizade com aqueles que divergem de mim... Não posso renunciar às preciosas verdades cujo poder tenho sentido e que me foram ensinadas, não pelo homem, e sim por Deus. Ao mesmo tempo, quero amar todos os que amam o Senhor Jesus, apesar de divergirem de mim nalgum ponto... Não tenho cedido aos irmãos moravianos, nem ao Sr. Wesley, nem a quem quer que eu julgue que está em erro, não, nem por uma hora. Mas eu acho que é melhor não discutir quando não há nenhuma probabilidade de convencer.⁴

Não obstante, não podemos fazer menos que lamentar que Whitefield não nos tenha deixado um relato completo da parte que teve na controvérsia, como Wesley fez da sua. De fato, Whitefield nos legou muito pouco, preferindo deixar que as declarações de Wesley ficassem sem contestação. Por conseguinte, passou à posteridade um falso conceito da separação e dos atos dos seus dois principais participantes, e isso se fixou de tal forma na mente das pessoas que qualquer tentativa de correção parecerá fortemente voltada contra Wesley e com parcialidade em favor de Whitefield.

Dez anos mais tarde, tendo ocasião de recordar o tratamento que tinha experimentado sob as mãos dos Wesley, Whitefield declarou numa carta a *Lady Huntingdon*:

Para mim foi bom eu ter sido suplantado, desprezado, censurada, difamado, julgado por meus amigos mais chegados e mais caros, e ser separado deles. Por meio disso eu encontrei a fidelidade dAquele que é o Amigo dos amigos... e me alegra que Aquele para Quem todos os corações estão abertos.. agora vê... a integridade das minhas intenções para com toda a humanidade.⁵

⁴ *Works*, Vol. 1, pp. 434, 438.

⁵ *Ibid.*, Vol. 2, p.466.

Whitefield preferiu empenhar-se em seu ministério quando fazia quatro meses e meio que ele estava na Inglaterra, o seu trabalho tinha retornado a um estado tão saudável que ele se sentiu capaz de atender aos muitos convites que tinha recebido para visitar a Escócia.

Extraído de **Arnold A. Dallimore**,
George Whitefield: Evangelista do Avivamento do Século 18;
São Paulo – SP: Ed. PES, 2005. Capítulo 10. p. 121-128.